



SEÇÃO: ARTIGOS

Os árabes nos periódicos do Rio Grande do Sul (séculos XIX e XX)

The Arabs in the Rio Grande do Sul's newspapers (19th and 20th centuries)

Julio Bittencourt

Francisco¹

orcid.org/0000-0001-8746-4091

bittencourt.francisco@ufrgs.br

Recebido em: 30/11/2020.

Aprovado em: 23/05/2021.

Publicado em: 09/03/2022.

Resumo: O artigo trata da memória da imigração sirio-libanesa no Rio Grande do Sul, a partir da consulta de matérias de jornais publicadas desde o fim do século XIX, bem como de seus descendentes, na atualidade, também recorrendo aos periódicos. Nosso objetivo central é verificar como eles eram e são abordados pela imprensa gaúcha. A pesquisa nos jornais foi aprofundada com a investigação documental em arquivos públicos. Passamos em revista notícias sobre crimes e conflitos, práticas de sociabilidades, levantamos informações gerais sobre seus fracassos e sucessos, além de discorrermos sobre as diferenças existentes dentro do grupo. Biografias, notícias de jornal e obituários são extraídas das folhas dos periódicos para compor este trabalho. Estruturamos a narrativa com base nas interações entre o material jornalístico e a pesquisa em documentos históricos, depositados nos arquivos públicos.

Palavras-chave: Jornais. Imigração. Sírios e libaneses. Rio Grande do Sul.

Abstract: The article deals with the memory of the Syrian-Lebanese immigration in Rio Grande do Sul, based on the consultation of newspaper articles published since the end of the 19th century, as well as of their descendants, nowadays, also resorting to periodicals. Our main objective is to verify how they were and are approached by the press in the Southernmost State of Brazil. The research in newspapers was deepened with documental investigation in public archives. We review news about crimes and conflicts, sociability practices, raise general information about their failures and successes, as well as talk about differences within the group. Biographies, newspaper reports and obituaries are taken from the pages of the periodicals to compose this work. We structured the narrative based on the interactions between journalistic material and research in historical documents deposited in public archives.

Keywords: Newspapers. Immigration. Syrian and Lebanese. Rio Grande do Sul.

Introdução

O Rio Grande do Sul é, ao lado de Santa Catarina, o estado brasileiro onde a marca migratória, principalmente a europeia, é mais significativa. Açorianos,² a partir das últimas décadas do século XVIII, e alemães, no início do século XIX, foram os primeiros a ocupar seu território.² A imigração alemã, pouco expressiva inicialmente, tornou-se mais numerosa, sendo constante durante todo século, seguidos por italianos e poloneses nas últimas décadas do século citado. O grosso da imigração europeia



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

² A chegada dos luso-brasileiros ao Rio Grande do Sul foi acompanhada pela dos escravos negros, os quais podemos chamar de 'imigrantes forçados'. Eles foram trazidos em grande número para trabalhar nas charqueadas do sul do estado. Segundo Saint-Hilare (1987), representavam cerca da metade da população da província em 1820, que era de 110 mil habitantes.

³ Sabemos que os indígenas guaranis e tupis já estavam no território do atual Rio Grande do Sul muito antes de qualquer europeu ou africano. No entanto, para nossos fins neste artigo, basta deixarmos consignada essa ressalva.

– alemães, italianos, poloneses, espanhóis e portugueses – chegou ao Rio Grande do Sul entre 1880 e 1920.⁴

A maioria dessas dezenas de milhares de imigrantes ocupou pequenas glebas rurais, as chamadas colônias, o que tornou o Rio Grande do Sul um dos poucos casos no país onde o grande latifúndio monocultor praticamente não existia.⁵A pequena propriedade familiar, predominante no panorama rural gaúcho, comercializava seus excedentes agrícolas, vindo a fazer do estado o berço do cooperativismo no país e também um dos pioneiros na industrialização no Brasil (HERRLEIN JR, 2004).

O aumento da emigração europeia, em grande parte subsidiada, nas últimas décadas do século XIX, início do século XX, para o Brasil estava ligado a três fatores principais: a substituição da mão de obra escrava, especialmente nas lavouras de café do Sudeste; a ocupação de terras para a produção de alimentos no Sul; e por último, mas não menos importante, a adoção de uma política deliberada e intencional de "branqueamento" da população brasileira, que, na prática priorizava a chegada de grandes contingentes de italianos, alemães, portugueses, espanhóis e poloneses (TRUZZI, 1999).

A imigração e os sírios e libaneses

Libaneses, sírios e palestinos, todos eles súditos do Império Otomano, oriundos da província turca denominada Grande Síria, chegaram ao país na mesma época que os europeus. Além de pouco numerosos, para cá vinham de forma espontânea, sem nenhum apoio governamental ou privado. Formada majoritariamente por jovens cristãos, semianalfabetos, muitos sem

qualquer qualificação profissional, essa corrente migratória foi levada a deixar seu torrão natal⁶ por diversos motivos. Destacamos, entre outros, a recusa em prestar serviço militar obrigatório nas tropas turcas, o colapso da cultura do bicho da seda substituído pelo produto similar industrializado, a falta de oportunidades econômicas e a tensão étnica, que muitas vezes descambava em violência aberta. A expansão dos transportes transatlânticos, que popularizou o acesso das viagens de navio aos mais pobres e o fechamento das fronteiras de outros países para a chamada "emigração asiática" também contribuíram pela chegada de aproximadamente 50 mil sírios ao Brasil entre 1890 e 1914 e cerca de 100 mil até 1940 (KNOWLTON, 1961; TRUZZI, 1997).

Por não se adaptarem ao sistema rural praticado no Brasil, pelo alto preço das terras e por não disporem de muito tempo para investir em projetos agrícolas, eles não se radicaram nas fazendas. E nem tão pouco serviram como operários urbanos, pois, além da barreira da língua, que dificultava a comunicação dos recém-chegados, as fábricas davam preferência aos imigrantes portugueses, espanhóis e italianos (TRUZZI, 2001).

A opção que sírios e libaneses abraçaram em massa foi o comércio ambulante, principalmente nas grandes cidades, onde criaram uma rede de cooperação na compra e venda de mercadorias baratas, como produtos de "toalete", aviamentos e tecidos. Outra frente importante de atuação desses mascates eram as áreas interioranas que, na época, concentrava grande parte da população brasileira, e onde a atividade comercial era pouco dinâmica e muitas vezes monopolizada pelos "coronéis" locais. A opção pela mascateação só dependia dos seus esforços e representava uma

⁴ Os dados demográficos das primeiras décadas republicanas revelam que entre 1890 e 1920 o Brasil recebeu mais de um milhão de imigrantes. Em 1890, havia 351.545 estrangeiros no país, ao passo que em 1920 esse quantitativo havia subido para 1.565.961. Dados extraídos dos censos e anuários oficiais revelam que entre 1890 e o final da década de 1920, a participação de estrangeiros no total da população residente no país subiu de 2,5% para 5,2%. No período de imigração em massa, entre 1900 e 1910, os estrangeiros chegaram a representar 7,3% de uma população total de 33.568.000 pessoas (ZAMBERLLAN, 2009).

⁵ A transição capitalista no RS assentou-se sobre as matrizes socioeconômicas e políticas que estavam historicamente postas ao final do Império. Havia uma crise econômica no setor pecuário-charqueador, que era dominante na sociedade, mas enfrentava com dificuldade e lentidão a transformação das relações de produção imposta pelo fim do escravismo. Com o advento da República, esse setor perdeu o controle das instituições políticas regionais, enquanto a ascensão da agropecuária colonial e da acumulação comercial que nela se apoiava definiam os contornos principais das transformações capitalistas na região (HERRLEIN JR., 2004).

⁶ Muitos desses jovens viam na imigração uma oportunidade de sobrevivência apenas temporária. Sua intenção era conseguir amealhar o que fosse possível no destino de imigração para depois voltarem às suas terras no interior da Grande Síria. Ali, onde a monetarização da economia era extremamente incipiente, eles conseguiriam adquirir mais terras e assim vir a granjear grande prestígio entre os seus pares.

resposta ao desemprego e às dificuldades de investimentos. Eles recorriam aos compatriotas radicados há mais tempo no país para conseguirem suas mercadorias, que eram repassadas em consignação para a venda (FRANCISCO, 2005).

Mas não eram apenas jovens solteiros com pouca instrução que imigraram ao Brasil. Claude Najjar (1985) identifica a presença, nas sucessivas levadas migratórias, também de intelectuais, médicos, jornalistas e escritores que não conseguiam uma colocação profissional em suas terras de origem, ou que lá sofriam perseguição política ou étnica. Há registros igualmente de famílias inteiras que vendiam suas joias ou bens para imigrar, e de indivíduos que já vinham para o país com indicação certa de lugar para se estabelecer e de emprego arranjado no país.

A peculiaridade do Rio Grande do Sul

A emigração de povos de cultura e língua árabes teve como principal porta de entrada no Brasil os portos de Santos e do Rio de Janeiro, o que ajuda a entender a concentração dessa corrente migratória no Sudeste do país, sobretudo em São Paulo.⁷ A chegada desses imigrantes em terras gaúchas seguiu uma outra rota, tendo sido fortemente influenciada pela proximidade com os países platinos. Vale lembrar que, na virada para o século XX, já havia ligação ferroviária entre a capital e as cidades do sul do estado, bem como conexões marítima e fluvial com os vizinhos Uruguai e da Argentina. Devido à pujança econômica desses países à época, um razoável contingente de libaneses, sírios e em menor número de palestinos, já se fazia presente em seus territórios.

Na realidade, havia mesmo uma saturação de mascates árabes no Uruguai, tanto que em 1890 o governo daquele país chegou a proibir

o desembarque de "asiáticos" em Montevideu (ODDONE, 1966). Em Buenos Aires, segundo nota do jornal *A Federação*, de Porto Alegre, a situação dos árabes também não era boa:

Quinhentos indivíduos de nacionalidade árabe que estão sem trabalho, improvisaram uma manifestação no Parque Centenário, saindo dali os manifestantes percorreram diversas ruas fazendo algazarra partindo vidraças e mostras de lojas e as janelas das casas por onde passavam. A polícia interveio dispersando a manifestação e prendendo vários indivíduos (1914, p. 5).

Evidentemente, diante desse quadro, o Rio Grande do Sul atraiu muitos desses imigrantes que podiam se deslocar a pé através da fronteira seca com o Uruguai, de barco, desembarcando no porto de Rio Grande, ou por via fluvial desde Buenos Aires ou Montevideo, chegando até Uruguiana, fronteira com a Argentina.

Os imigrantes vindos do Oriente Médio – libaneses, sírios e palestinos começaram a chegar ao Rio Grande do Sul a partir de 1890 (FRANCISCO, 2020) juntamente com a maior parte dos outros imigrantes europeus, e são, respectivamente, a sexta e a sétima etnias⁸ em maior número no estado.⁹ Embora estivessem concentrados nos centros urbanos de maior porte, estavam presentes, em menor número, na maioria dos municípios gaúchos. Segundo o Censo Demográfico de 1920, havia no Rio Grande do Sul 2.565 imigrantes árabes (FRANCISCO, 2014, p. 1230) e, possivelmente, de acordo com as projeções, três vezes mais descendentes já nascidos no estado (FRANCISCO, 2020).

Nas grandes cidades, os imigrantes lograram manter suas pautas matrimoniais dentro da etnia, diferentemente dos sírios e libaneses radicados nos rincões mais longínquos do interior, onde eles e seus filhos não tiveram outra escolha a não ser

⁷ Cabe informar que os sírios e libaneses, embora concentrados no Sudeste, tendo à frente São Paulo, marcam presença em todo território brasileiro, mesmo nos estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste, regiões onde, muitas vezes, juntamente com os portugueses, em número bem maior, são os únicos imigrantes (LAMARÃO, 2007).

⁸ A definição antropológica de grupo étnico, povo ou etnia, segundo Fredrik Bath (1998), é uma categoria de pessoas que se identificam mutuamente, geralmente com base em uma genealogia ou ancestralidade comum presumida ou em semelhanças linguísticas, históricas, culturais e de nacionalidade comuns. As fronteiras que marcam os limites entre as diversas etnias, especialmente nos casos do libanês e o sírio, e de outros grupos, são fatores simbólicos, muitas vezes sutis. Neste cenário, embora a forma hifenizada sírio-libanês seja uma maneira negociada entre as etnias em resposta ao apelido de "turco", há diferenças entre elas e, neste sentido, as fronteiras são simultaneamente claras, a exemplo da religião maronita e a bandeira do Líbano, para os libaneses, e sutis como sotaque árabe de um e de outro, mesmo que só identificáveis dentro dos grupos.

⁹ De acordo com o Censo Demográfico do IBGE, depois dos portugueses, italianos, alemães, poloneses e espanhóis. Ver: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Anuário estatístico do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1996. v. 56

contrair matrimônio com descendentes de brasileiros ou de imigrantes de outros grupos étnicos. Depois de superada a fase de estabilização econômica, os esforços do grupo concentraram-se na ampliação dos clubes étnicos, entre 1920 e 1940, e, em uma etapa posterior, na instalação de templos religiosos, como a Igreja Maronita de Porto Alegre, que data do início da década de 1960 (FRANCISCO, 2020).

A interação entre fontes jornalísticas e documentais

O que vimos anteriormente ajuda a entender por que a memória escrita dos sírios e libaneses e de seus descendentes não foi contemplada de uma forma sistemática por eles próprios, como foram as de outras levas migratórias mais numerosas. Resulta daí que o acesso às fontes de pesquisa sobre a sua trajetória no Rio Grande do Sul tenha se tornado uma tarefa desafiadora para o pesquisador.

Sendo assim, recorremos a uma ampla variedade de fontes, como processos jurídicos guardados nos arquivos públicos, literatura acadêmica, memorialística e ficcional, entrevistas com descendentes e, sobretudo, jornais e outras publicações periódicas. Como, no caso das fontes jornalísticas, o pesquisador deve tomar alguns cuidados metodológicos adicionais, usamo-las como informação primária de fatos originais. A partir delas, recorremos a outras fontes, como a documentação depositada em arquivos públicos, no intuito de ter acesso a uma outra narrativa sobre o mesmo fato. Com isso, temos condições de filtrar o texto jornalístico e compor uma narrativa histórica mais crível, não só recuperando parte da memória do grupo, mas também problematizando-a.

A pesquisa sobre os árabes realizada nos periódicos de Porto Alegre do fim do século XIX nos apontou diversas ocorrências policiais ligadas à rua Andrade Neves, no centro da capital, conhecida como "a rua dos turcos". Com as informações,

processos criminais e nomes obtidos nos periódicos, fomos ao Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS) onde confrontamos as duas narrativas, a jornalística e a jurídica. Com efeito, encontramos no APERS alguns casos de ocorrências policiais (agressões) e questões de disputa comercial (falências e protestos) que resultaram, em um segundo momento, em queixas-crimes e que foram manchetes de jornal.

Nosso intuito aqui, vale salientar, não foi a tabulação quantitativa desses casos, mas tão somente conhecer em detalhes os primórdios dessa imigração através de ocorrência notáveis de fatos do cotidiano envolvendo a comunidade árabe em sua principal área de localização no curso inicial da sua adaptação ao meio hospedeiro.

Ilustrativo, nesse sentido, foi o caso de Elias Chediak, ocorrido em 1896. Comerciante atacadista de fazendas e miudezas,¹⁰ estabelecido na rua Andrade Neves, número 56, Chediak ingressara com uma ação de cobrança, em abril daquele ano, contra seu patrício, o mascate Abdalla Assli, a quem tinha dado um crédito no valor de mais de 250 (duzentos e cinquenta) mil réis, "proveniente de mercadorias que comprou para revender".

Em 1898, dois anos mais tarde, conforme matéria publicada no *Correio do Povo*, teve lugar um violento acerto de contas na rua Andrade Neves entre dois pequenos comerciantes de origem árabe, que envolveu muita gritaria, bofetões e cadeiradas. A violência rapidamente descambou para navalhadas, facadas e até tiros, resultando em quatro feridos, um em estado grave. O jornal estampou na primeira página de sua edição matinal de 13 de janeiro de 1898 a seguinte manchete, em letras garrafais: "GRANDE CONFLICTO". Em letra menor, abaixo, antes do texto da reportagem propriamente dito, lia-se: "Tiros, facadas e prisões" (GRANDE..., 1898, p. 1).

Ao que parece, o repórter do *Correio do Povo* não entendeu inteiramente o que havia acontecido entre os árabes da rua Nova,¹¹ pois na

¹⁰ Entre as mercadorias que a firma de Chediak repassava aos mascates constavam *toilettes* para senhoras, como "perfumaria da marca Fantasia, pó de arroz e sabão redondo".

¹¹ A rua Andrades Neves, conhecida na época como rua dos turcos, era também chamada de rua Nova e estava localizada no centro de Porto Alegre à apenas alguns metros da sofisticada rua da Praia. A rua tinha péssima reputação pelos seus bordeis e casas de jogo (MARTINI, 2013).

introdução da matéria, assim escreveu a respeito do ocorrido:

A origem do conflito está ignorada, tal o mistério em que a rodeiam, quer os implicados no distúrbio, quer os que os testemunham. Um de nossos repórteres, que acompanhou todos os passos da autoridade policial, bem como o curativo dos feridos, tem fundamentos para acreditar que o conflito tenha se motivado por uma questão de 20 libras esterlinas [...] que um dos feridos tentara alapardar. Pelo menos foi isso que, por terceiros, veio a saber o subintendente do 1º Distrito (1898, p. 1).

O incidente ocorrera na manhã do dia 12. A matéria informava que o árabe Abrahão Bushdid, ao chegar de viagem, dirigiu-se à agência de leilões Silva & Lima para fazer o pagamento de uma conta. Regressando à sua casa, foi inesperadamente agredido por um compatriota, chamado José Fortunato, que lançou uma cadeira na sua direção e em seguida puxou uma faca. Dizia ainda a reportagem que a confusão começara em frente à residência de Bushdid, situada na rua Andrade Neves, número 13. A fim de se defender, Bushdid correu em volta de uma carreta que estava estacionada em frente à sua casa até que conseguiu entrar no imóvel. A ação continuou com José Fortunato em perseguição a Bushdid no interior da residência. Passados alguns instantes, ouviu-se da rua o disparo de dois tiros. Abrahão Bushdid em seu depoimento alegou que não tinha sido ele o autor dos disparos. Continua o jornal:

Daí passou o conflito para a rua envolvendo-se nele Abrahão, José Fortunato, Judith Bushdid e José Francisco, irmã e sogro de Abrahão, e Nassif Antônio, que travaram renhida luta. Feridos, os três primeiros se refugiaram todos no prédio n.56, na mesma rua Nova, onde mora até nos porões, em repugnante promiscuidade, grande quantidade de homens, mulheres e crianças (GRANDE..., 1898, p. 1).

Ainda segundo a reportagem, Abrahão foi ferido

no braço por golpes de navalha; Judith levou duas facadas. Já Fortunato recebeu dois ferimentos à bala e seu estado foi considerado grave. Os três feridos foram recolhidos à enfermaria da cadeia civil para ficarem à disposição da Justiça (1898, p. 1).

A análise do que foi publicado pelo *Correio do Povo* permite-nos perceber um discurso subjacente que reflete e reproduz, em grande medida, o pensamento da época, influenciado por valores positivistas. Sugere-se ser aquele grupo – formado por pessoas de uma determinada minoria étnica, moradores de uma pequena rua no coração da cidade – agente de práticas socialmente reprováveis, no contexto de uma cidade que começava a se enxergar como uma metrópole moderna e civilizada.

Acompanhando o crescimento da cidade, a rua Andrade Neves continuou a receber sírios¹² e outros árabes em busca de dias melhores e bons negócios. Assim, localizamos no Arquivo Público um processo de cobrança judicial, datado de setembro de 1902, proposto por Jorge Monaiar contra Simão João Curi, ambos sírios e negociantes (APERS, 1902). Proprietário da Jorge Monaiar & Cia.,¹³ ingressara com uma ação cobrando de Simão o valor de 394 mil e 210 réis em mercadorias,¹⁴ cujas compras haviam sido feitas por ele a prazo, em fevereiro de 1901, e estavam sem quitação havia mais de um ano e meio.

Outro processo, este da área criminal datado de 7 de abril de 1903, traz novamente o nome do comerciante Jorge Monaiar. Tratava-se de uma queixa-crime de Jorge contra o negociante Miguel Curi. O escrivão relata que "no dia 2 de abril, pelas 9h da noite [...], Jorge foi procurado [...] por Miguel Curi, domiciliado nesta cidade e natural da Síria, em diferentes lugares, com o fim de com ele entender-se" (APERS, 1903). A narrativa do queixoso continua fazendo constar, nos autos, a maneira

¹² Quando nos referimos a sírios estamos nos referindo a pessoas de cultura e língua árabe oriundos das antigas colônias árabes do Império Otomano

¹³ Acreditamos que Monaiar estivesse baseado e estabelecido na cidade de Santa Maria, e que teria vindo a Porto Alegre para promover judicialmente, em pessoa, a cobrança de Curi. Isso atesta a importância da ligação ferroviária direta entre a capital e Santa Maria, no contexto comercial daquela época.

¹⁴ Três peças de chita (137 metros, a 800 réis); duas peças de cetim (59 metros, a 900 réis); uma peça de cachemira (nove metros, a 10.500 réis); uma chita para colcha (24 metros, a mil, réis); três peças de morim perfeição (20 jas, a 13 mil réis) e duas peças de morim (10 jas, a cinco mil réis).

sorradeira como agira seu patricio:

Achando-se a vítima de visita à casa número 34 da rua Andrade Neves, lá foi ter com o réu, que, lhe pedindo cordialmente uma palavra, fez com que o suplicante o acompanhasse até a rua. Dados, porém, alguns passos ao lado um do outro, o réu, inopinadamente, agrediu fisicamente o queixoso e, derrubando-o ao chão, em seguida lançou mão de uma faca que trazia na cintura diligenciando matá-lo, o que não conseguiu devido à intervenção de diversas pessoas que acudiram com toda presteza e conseguiram deter o réu que, em altos brados, protestava matar o mesmo queixoso, e nessa ocasião proferiu em árabe a maior das exclamações injuriosas e ameaçadoras, qual seja: "Hei de queimar tua fé" (APERS, 1903).

Diz a queixa-crime que aquelas mesmas pessoas que acudiram Jorge, "impedindo sua morte", chamaram a polícia, sendo que, nesse meio tempo, o agressor conseguiu evadir-se do local, frustrando a prisão em flagrante. Contudo, continua a denúncia: "No dia seguinte, o mesmo réu andou rondando a casa da vítima, mas então armado de um revólver, fato este que demonstra que ele ainda está no mesmo designio de consumir o assassinato do queixoso" (APERS, 1903). Tendo acusado formalmente Miguel Curi à Promotoria Pública, o advogado de Jorge Monaiar solicitou que se mandasse citar o acusado para que este respondesse de acordo com base nos artigos do Código Penal referentes ao tipo de crime que lhe era imputado. Depois de apresentar seu rol de testemunhas, o advogado por fim requeria uma indenização à vítima no valor de dez contos de réis.

Entre as oito pessoas arroladas como testemunhas,¹⁵ todas elas "patricios" da rua Andrade Neves, um nome em especial chamou nossa atenção por aparentemente tratar-se de um médico de origem alemã, Jorge H. Naamann, e por termos conhecimento da existência de uma rua no centro de São Leopoldo – município próximo a capital, pioneiro da imigração alemã no estado –, cujo nome é Doutor George Naaman. Trata-se

de uma rua importante de São Leopoldo, que está grafada como escrevemos, sem o segundo "n" ao final; e, com G ao invés de J no prenome George. Depois de reunirmos algumas informações biográficas sobre Naaman nos órgãos de cultura do município e no Museu Visconde de São Leopoldo, ficamos surpresos ao verificar que se tratava de "um médico sírio, nascido em Beirute!" (BIOGRAFIA..., 2013, p. 3).

O material que pesquisamos tem como principal fonte uma matéria no *Jornal do Vale dos Sinos (VS Jornal)*, escrita pelo colecionador Germano Moelecke, de São Leopoldo, e constante do encarte "As Ruas de São Leopoldo". O texto inclui uma pequena biografia de Jorge Naaman e até algumas fotos dele e de sua família, datadas do início do século XX. Segundo Moelecke, Jorge Naaman nasceu por volta de 1881 e veio jovem da França, onde estudara medicina, passando a clinicar no Vale dos Sinos por volta de 1901-1902. A informação levantada pelo pesquisador dá conta que Naaman¹⁶ era auxiliado por seu sobrinho Alfredo Diehl, e que

foi durante muitos anos médico da prefeitura municipal e da Viação Férrea. Como médico dessa última fazia longas viagens de trem, indo pelos ramais para visitar os doentes. Sua esposa, de descendência alemã, era filha de Jacob e Luiza Voges; seu avô foi pastor protestante, tendo vindo ao Brasil junto com os imigrantes. O Doutor George Naaman, logicamente, era grande apreciador das comidas sírias, especialmente o quibe, preparado com farinha de trigo e carne moída socada em pilão e depois cozida (BIOGRAFIA..., 2013, p. 3).

Em pesquisa posterior, realizada no Arquivo Público do Estado, vimos que Naaman foi o inventariante do espólio da sogra em 1916, tendo sua esposa¹⁷ herdado cerca de dez contos de réis depois de terminada a partilha dos bens legados pela mãe, que era viúva (APERS, 1916). Doutor Naaman faleceu em 1945, aos 64 anos,

¹⁵ D. George H. Naamann, Joaquim, Adla, Checri e Bechara Moysés (esses quatro, possivelmente parentes), Jorge Miguel Helan, Salin José Issa e Farid Zaiter.

¹⁶ Assim o pesquisador descreve o nosso personagem: "De estatura média, moreno, tinha por hábito o uso de uma bengala que, sem precisar dela, utilizava apenas como um ponto de apoio e manjava-a sempre para frente e não para o lado", e ainda que "era um homem de grande capacidade e que clinicou com interesse e abnegação, assumindo a direção dos trabalhos durante a gripe espanhola que o município enfrentou".

¹⁷ Antonieta Voges, que era filha de um importante proprietário de origem alemã de uma empresa de navegação fluvial de São Leopoldo.

tendo deixado dois filhos e a esposa, além do patrimônio de uma casa (na verdade herança de sua mulher) e dois terrenos no centro de São Leopoldo (APERS, 1945).

É provável que no início de sua trajetória de médico, quando contava pouco mais de 20 anos de idade, Naaman tenha sido importante para a pequena comunidade sírio-libanesa que se instalava na cidade, especialmente por ocupar um cargo tão estratégico. Ele provavelmente também atendia pacientes sírios da rua Andrade Neves, uma vez que estes poderiam contar com um médico fluente em seu idioma, além de tê-lo como interlocutor ou representante nas camadas mais altas da sociedade porto-alegrense, que Naaman também frequentava.

O prestígio que o médico árabe sem dúvida granjeou ensejou seu biógrafo a destacar sua proximidade com figuras de destaque da época, como o "Doutor Frederico Wolffenbuttel e do Doutor João Dutra, que logo se aposentou" e sua amizade com "o Coronel Guilherme Gaelzer Neto", e também com "o Major Elíbio Weber, engenheiro da prefeitura, e o Doutor Orfelino Tostes" (BIOGRAFIA..., 2013, p. 3).

Para o jovem médico libanês, vivendo distante de seus familiares que ficaram no Líbano, o contato com os sírios da rua Andrade Neves também deve ter sido muito importante, caso contrário seria pouco provável que estivesse naquele local às 9h da noite de uma quinta-feira, quando houve a refrega referida, envolvendo seus patrícios Jorge Monaiar e Miguel Curi. Não temos elementos para afirmar com certeza, mas talvez o ódio mortal que fora friamente contido por Miguel Curi, para ser expresso depois em um rompante de violência contra Jorge Monaiar, possa ter tido alguma relação com um certo Simão Curi, que havia sido cobrado judicialmente por Monaiar alguns meses antes, conforme relatamos. A passagem abaixo pode, talvez, servir como hipótese explicativa para o ato praticado por Miguel Curi:

O árabe coloca acima da própria vida a prosperidade, a glória e a honra da comunidade que o viu nascer e que o verá morrer. Não é um sentimento semelhante ao nosso patriotismo [...]. É uma paixão violenta e terrível e, ao mesmo tempo, o primeiro e o mais sagrado dos deveres: a verdadeira religião do deserto (ORNELAS, 1999, p. 97).

Levando-se em conta o fato de que os sírios carregavam consigo o estigma histórico de "turco" para a sociedade luso-brasileira de então, é válido dizer, no mínimo, que se tratava de um grupo étnico em pleno processo de afirmação social (MOCCELIN, 2008). Naquele contexto, Dr. Naaman, conforme vimos, representava na rede de relações étnicas entre os árabes, e não somente daqueles da rua Andrade Neves, a elite da sociedade porto-alegrense, uma vez que se identificava mais como um membro dessa elite do que com a realidade dos imigrantes pobres, ainda que transitasse com desenvoltura pela rua Andrade Neves. Não é possível saber se Dr. Naaman exercia ali simplesmente a sua obrigação profissional, prestando assistência aos doentes, ou se também aplicava as regras mais modernas de boa saúde e higiene que aprendera na "Universidade de Medicina de Paris".¹⁸ Talvez, por isso, tenha sido arrolado como testemunha da briga que se configurou como uma vendeta entre dois patrícios. O fato é que Dr. Naaman acabou se aliando a um dos lados do conflito, ainda que como testemunha, o que inevitavelmente terminou por legitimar este último como "civilizado" frente ao outro, considerado "bárbaro" e agressor.

É importante pontuar que praticamente todos os comerciantes de origem árabe da rua Andrade Neves transferiram-se para outras ruas do centro de Porto Alegre, especialmente para a rua Voluntários da Pátria, já no fim da década de 1920, abandonando um passado de miséria e conflitos. Em outros locais da cidade, os sírios e libaneses, mesmo que numericamente expressivos, diluíram-se em meio a outros comerciantes de diversas origens. Contudo, não houve prejuízo

¹⁸ Segundo Moelecke, o diploma de Naaman fora expedido por uma universidade de Paris. (BIOGRAFIA..., 2013, p. 3) No entanto, apesar de não termos conseguido acesso ao documento, é provável que seu diploma seja, na verdade, da Universidade Saint Joseph, de Beirute. Instituição de ensino superior fundada em 1875 pelos padres jesuítas franceses, é conhecida por ter enviado ao Brasil diversos médicos e intelectuais da colônia. A esse respeito, ver Lacaz (1982).

para as redes de sociabilidades que já estavam formadas e que continuaram em outros espaços, mediante a fundação de agremiações esportivas, cafés e clubes ainda nos anos 1920.

Os caminhos que nossa pesquisa tomou a partir do processo de cobrança de Jorge Monaiar contra Simão João Curi de 1902, e das agressões de Miguel Curi contra Monaiar, em 1903, permitem-nos tecer algumas considerações. Em primeiro lugar, o fato dá conta de que esses árabes foram violentos e brigaram entre si na rua Andrade Neves talvez por não estarem totalmente integrados aos costumes "civilizados" da cidade, que utiliza os meios legais para encaminhar suas diferenças. Não chega, portanto, a configurar uma surpresa que pessoas provenientes de outro universo sociocultural, não urbano, resolvessem suas desavenças com sangue, uma vez que a honra pessoal e a fidelidade para com a família costumavam ser mais importantes do que as relações estabelecidas por estes indivíduos com as instituições do Estado, incluindo o respeito à lei (LESSER, 2001).

Assassinato de mascates sírios noticiados na mídia gaúcha

Trazemos aqui algumas notícias publicadas em jornais riograndenses entre 1890 e 1904, dando conta de crimes fatais cometidos contra mascates árabes em território gaúcho.

O primeiro caso, divulgado pelo jornal *A Federação*, de Porto Alegre, refere-se ao assassinato de um mascate árabe no distrito de Taim, mais precisamente no local denominado Convivência. Ele vinha do Uruguai, na companhia de um compatriota. Diz o jornal:

O motivo do crime foi roubo. Os assassinos foram dois homens brancos e um preto, que não foram reconhecidos pelo companheiro do mascate, que para não ser também assassinado se refugiou na água onde os bandidos o perseguiram, dando-lhe tiros (ASSASSINATO..., 1890, p. 2).

O último fato relatado aqui foi notícia veiculada no jornal *A Federação*, em sua edição de 5 de agosto de 1904, com a seguinte manchete:

"Assassinada a mascate árabe Suzana". A notícia, transcrita do periódico *O Commercio*, de Cachoeira [do Sul], relata que se achava preso preventivamente o "creoulo" [sic] José Feliciano de Souza, jornalista, de 19 anos de idade presumíveis, natural de Cachoeira, como coautor do crime que foi consumado pelo réu preso e confesso Severiano José Pedroso, que a princípio procurou comprometer o septuagenário enfermo Januário dos Santos; mas que depois confessou que praticara o delito com José Feliciano. Este o confirmou espontaneamente ao delegado judiciário e juiz distrital da cidade. Segue a confissão de José Feliciano:

disse conhecer de pouco tempo a seu companheiro Severiano; que achava-se pescando no passo do arroio Botucarahy, quando a ele chegou-se Severiano em companhia da árabe Suzana e convidou-o a matá-la, dizendo-lhe que assim o fazia porque ela havia deitado feitiço em um seu irmão; que acedendo a tal convite, seguiram os três para a margem esquerda do Botucarahy, em direção à casa de Justino Loureiro e ao aproximarem-se de uma sanga, Severiano disse a Suzana que ia matá-la, ao que ela respondeu, que matasse, pois que matava uma mulher; que nesta ocasião, ambos se atiraram contra a vítima, assassinando-a, tendo ele segurando-a enquanto Severiano a degolava com uma faca de cabo de chifre, a qual, lhe dissera, era de seu pai e havia atirando-a, após o crime, no arroio Botucarahy; que, consumado o crime, haviam roubado lenços, meias, rosários, abotoaduras e cento o cinquenta mil réis em dinheiro, cuja quantia repartiram com igualdade entre si, que estavam completamente a sós, não se recordando do dia em que foi cometido o crime, porém o fizeram de meio dia para tarde, e que vieram pernoitar num rancho, em construção, no alto do cemitério, próximo a esta cidade (ASSASSINADA..., 1904, p. 4).

A notícia deste crime evidencia que as mulheres árabes também exerciam a atividade de mascate no estado no início do século XX, servindo para derrubar um paradigma e até certo ponto um estereótipo comum na historiografia da imigração árabe. É comum nas histórias de imigrantes árabes os homens serem enaltecidos como desbravadores. As mulheres não exerciam a profissão de mascate, e só tinham chegado à terra da imigração depois que os homens já haviam "desbravado" os perigosos caminhos do interior, infestados por bandidos, onde os membros de

outras etnias não ousavam se arriscar.

O cenário internacional e as sociabilidades dos árabes no Rio Grande do Sul

A pesquisa que realizamos nos jornais abriu-nos outra frente temática, que tem a ver com a campanha movida pelas autoridades consulares francesas no Rio Grande do Sul junto às comunidades sírio-libanesas de Porto Alegre e do sul do estado. O intuito da França era fomentar a independência da Síria e do Líbano do Império Otomano, aliado dos alemães contra a França, no contexto da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), mediante, entre outros esforços, a reunião desses sírios na diáspora em comitês patrióticos.¹⁹ Era isso o que se podia ver em uma das manchetes da página frontal do *Correio do Povo*, de 12 de setembro de 1917:

Pelo trem noturno chegaram ontem, a esta capital, os doutores Jayme Mordom Bey e Cesar Lakah, incumbidos pelos governos da Entente, e principalmente pelo da França, de fazer conferências em favor da independência da Syria e do Monte Líbano, donde são naturais, e que se acham sujeitos à dominação turca. Os seus compatriotas aqui residentes fizeram-lhes festiva e entusiástica recepção indo recebê-los em grande número na Viação Férrea. Ali, também os aguardava o barão de *La Vessieres*, vice-cônsul da França nesta capital. No Hotel Lagache, foram hasteadas as bandeiras libanesa e francesa. Durante o dia, ali receberam eles às visitas de muitos dos seus compatriotas que foram hipotecar-lhes o seu apoio à missão de que vêm incumbidos (CHEGARAM..., 1917, p. 5).

Com efeito, nossas pesquisas apontam que o início do agrupamento dos imigrantes sírios e libaneses em associações, especialmente em locais

com maior número de patricios, esteve ligado a questões transnacionais, envolvendo os esforços de guerra da França durante o conflito mundial. Assim, os jornais da época nos dão notícias da fundação de comitês patrióticos em Pelotas, Rio Grande, Bagé e Porto Alegre, por iniciativa dos cônsules franceses em campanha no estado.

Em Pelotas, o cônsul francês fundou em 1917 ²⁰um comitê patriótico em defesa da Síria e do Monte Líbano (ROSA, 2005, p. 19). Com esses comitês, os franceses pretendiam não só atrair os imigrantes sírios para a luta contra o Império Otomano, mas também promover o alistamento militar entre eles, a fim de engrossar um suposto "batalhão sírio". Aquartelado na ilha de Chipre, o batalhão estava esperando ordens para embarcar de volta à Síria para lutar ao lado dos franceses contra os turcos, no Oriente Médio²¹ (FERSAN, 2005). Rosa descreve com mais detalhes a estratégia adotada pela França:

Os representantes franceses percorrem várias cidades brasileiras onde havia um maior número de imigrantes. Segundo o jornal *O Rebate*, de 18 de setembro de 1917, havia uma comissão designada para percorrer os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. No Rio Grande do Sul, o cônsul francês comandava a ação de vice-cônsules encarregados de formar os comitês pelas cidades do interior e arregimentar os voluntários. O momento era propício para a formação de sociedades de defesa da pátria e comitês, pois o mundo estava em guerra. Com o desenrolar das batalhas travadas na Primeira Guerra Mundial, o sentimento de nacionalismo e antigermanismo estava em alta, o que gerou muita euforia em torno desses comitês (ROSA, 2005, p. 19).

De acordo com Bellintani (2012), naquela época os franceses estavam atentos aos movimentos do governo alemão no Brasil, especialmente no Rio

¹⁹ Estes comitês patrióticos dariam origem ao Clube Sírio-Libanês de Pelotas, que existiu de forma ativa de 1917 até a década de 1950, e ao Clube Sírio-Libanês de Porto Alegre, fundado formalmente em 1922, que existiu até 1936. Nesse ano, dissidências internas terminaram por fundar a Sociedade Libanesa de Porto Alegre, em atividade até hoje, e o Clube Sírio do Rio Grande do Sul, fechado em 1996. O mesmo ocorreu em Bagé, porém não encontramos documentação a não ser uma referência em um Anuário estatístico do Rio Grande do Sul, de 1924, encontrado no acervo do Memorial do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, que menciona uma Associação Beneficente Sírio-Libanesa de Bagé, a qual contava com 65 membros em 1923.

²⁰ Um telegrama enviado à sucursal de Pelotas e publicado na edição do jornal *Correio do Povo*, de 17 de setembro de 1917, trazia a seguinte notícia: "Chegaram aqui os Srs. Cezar Lakah e Marbam Bey, que andam tratando da independência da Síria, acompanhados do barão Lavaissiere, vice-cônsul da França nesta capital. Aqui foram eles recebidos por numerosos patricios. Hoje, à noite, haverá uma reunião da colônia síria aqui domiciliada, na Biblioteca Pública, e na qual discursará o Sr. Jamil Bey" (ROSA, 2005, p. 19).

²¹ Pitts Jr. (2006), em sua análise sobre o projeto francês de formar o tal batalhão sírio recrutando mascates nas Américas, classificou a iniciativa como ineficaz. Primeiro porque esses árabes seriam péssimos soldados; depois, por terem outros projetos de vida, tendo sido a carreira militar descartada já na origem. O autor relata que o único alistado não passou no exame médico, malgrado as correspondências da chancelaria chamando atenção para a qualidade dos alistados.

Grande do Sul. Fersan (2005) explica que havia grande interesse das autoridades francesas em fazer dos sírios, especialmente aqueles que transitavam pelas fronteiras transnacionais do sul do estado, seus melhores propagandistas em terras onde a cultura germânica predominava. No dia 12 de outubro de 1917, o jornal *O Rebate*, divulgou a seguinte nota:

A Sociedade Libanesa, fundada nesta cidade em 30 de setembro último para intensificar a propaganda da independência da Síria, adquiriu personalidade jurídica. A sua diretoria está assim constituída: presidente: Demétrio Jorge; secretário: Álvaro Hzim; tesoureiro: José Mereb; procurador: Chedam Jeber (A SOCIEDADE..., 1917, p. 5).

De fato, muitos imigrantes sírios cristãos haviam deixado o Oriente Médio sob o domínio otomano, um império cujo estilo e filosofia de vida muitos desses imigrantes repugnavam. Por isso, grande parte dos sírios via na aproximação com os franceses novas oportunidades em termos de renovação de suas identidades coloniais, uma vez que, sob proteção da França, não seriam mais considerados "turcos" (FRANCISCO, 2020).

Não há dúvida que muitos imigrantes nutriam interesse em serem representados por uma potência ocidental que gozava de prestígio nas esferas mais altas da sociedade brasileira. Esses árabes, assim como os brasileiros, viam na França e em sua cultura um sinônimo de civilização. Contudo, na realidade, o governo de Paris, enquanto adulava os cidadãos sírios na diáspora, nos bastidores tramava contra eles. A traição se materializou quando a França, juntamente com a Inglaterra, apesar de terem prometido dar inde-

pendência aos países árabes se lutassem contra os turcos, firmaram, um acordo secreto em 1916,²² que foi aprovado pela Liga das Nações, em 1919. Foi então estabelecido o mandato francês sob o Líbano e a Síria, que duraria até meados da década de 1940.

Ao veicular tais notícias, a mídia corrobora esses preceitos eurocêntricos, imperialistas e colonialistas. Concomitantemente, opõe-se à hegemonia germânica no Brasil,²³ mas também a muitos cidadãos da região Sul do país. Havia no Brasil um grande interesse pelo que acontecia na Europa, a julgar pela grande cobertura feita pela mídia na época. Entre a população, mesmo o Brasil sendo um país neutro, existia uma grande simpatia pela França. Quando a Alemanha invadiu a Bélgica, em 8 de agosto de 1914, a Câmara dos Deputados aprovou uma condenação de violação dos tratados internacionais pela Alemanha. Em 7 de março de 1915, os Aliados fundariam a Liga Brasileira, sob a presidência de Ruy Barbosa. A Liga foi usada para difundir os ideais da Entente em solo brasileiro.²⁴ Tudo isso quando o Brasil já se inclinava a declarar guerra à Alemanha.

A segunda geração – os filhos dos primeiros imigrantes nos obituários gaúchos

Os imigrantes sírios e libaneses que optaram em permanecer no Brasil,²⁵ como já vimos, se dedicaram ao comércio nas cidades do sul como em todo país, primeiramente como mascates, vendendo de porta a porta, depois estabelecidos com pequenas lojas e armazéns. Por não integrarem comunidades muito populosas, e ainda por

²² Em Inglaterra e França, descumprindo o que haviam prometido aos árabes, reuniram-se secretamente visando definir suas áreas de influência no Oriente Médio, caso saíssem vitoriosas no embate contra o Império Otomano. Por meio dessa negociação, que ficaria conhecida como Acordo Sykes-Picot, as duas potências acertaram dividir em protetorados administrados por elas as antigas possessões otomanas.

²³ Até 1913, o Império Alemão travava com a Terceira República Francesa uma disputa pela liderança militar na Europa, buscando, conseqüentemente, ampliar suas esferas de influência. Essa disputa tanto incluía a ampliação do poderio bélico e inovações táticas, quanto a venda de armamento e o envio de missões militares de instrução junto aos exércitos latino-americanos, como já fora experimentado pelo Brasil, Chile e Argentina (HEINZ, 2011).

²⁴ Quando a notícia do afundamento do vapor Paraná chegou ao Brasil poucos dias depois, eclodiram diversas manifestações populares nas capitais. O ministro de relações exteriores, Lauro Müller, de origem alemã e favorável à neutralidade na guerra, foi obrigado a renunciar. Em Porto Alegre, passeatas foram organizadas com milhares de pessoas. Inicialmente pacíficas, as manifestações passaram a atacar estabelecimentos comerciais de propriedades de alemães ou descendentes - o *Hotel Schmidt*, a *Sociedade Germânia*, o clube *Turnebund* e o jornal *Deutsche Zeitung* foram invadidos, pilhados e queimados (VINHOSA, 2015).

²⁵ De acordo com Truzzi, (1999), os sírios e libaneses são as etnias com o maior índice registrado de retorno a suas pátrias de origem. Muitos o fizeram definitivamente, porém, uma grande parte dessas pessoas tornaram a emigrar, trazendo suas noivas, já esposas, principalmente por não encontrar as mesmas condições econômicas na terra de origem.

serem membros de uma imigração espontânea e majoritariamente urbana, em um estado primordialmente agrícola, eles lograram alcançar uma estabilidade econômica através do comércio, apostando, em seguida, na da educação dos filhos como veículo de ascensão social. De fato, para grande maioria, seus projetos de vida não diziam respeito apenas ao sucesso nos negócios, mas incluíam também ver os filhos formados nos bancos universitários, lugar até então exclusivo das elites nacionais, ou seja, em uma posição de destaque no topo da pirâmide social do país que escolheram (TRUZZI, 1999). De acordo com Francisco (2020),

[d]iversos autores (HAJJAR, 1985; PIMENTEL, 1986; TRUZZI, 1997; LAMARÃO, 2007) têm como ponto pacífico que grande parte da colônia sírio-libanesa dava importância suprema à educação formal de seus filhos, e, dependendo da classe social e do nível de acumulação de seus integrantes, o objetivo sempre foi colocá-los em escolas de primeira linha. Truzzi (1999, p. 351) indaga se não foi este, afinal, o caminho que levou "à prova de fogo" da assim chamada integração: "o momento em que filhos de patrícios disputaram ombro a ombro posições de prestígio antes reservadas às elites, tanto no sistema educacional [...], quanto posteriormente no mercado de profissões liberais." Assim, os descendentes de imigrantes, principalmente aqueles matriculados nas escolas mais caras da capital, representaram para a comunidade levantina um passo à frente em seu caminho da integração à sociedade gaúcha em uma esfera mais alta, uma vez que era ali que os filhos das elites daquela sociedade se encontravam (FRANCISCO, 2020, p. 177).

Os obituários de jornais gaúchos, e também catarinenses, bem como informações recolhidas em veículos de entidades de classe, revelaram-se uma fonte extremamente útil para recuperar a trajetória de imigrantes e de seus descendentes, radicados em diversas cidades do Rio Grande do Sul. É importante destacar que os obituários sempre atraíram muitos leitores para os jornais. Trata-se de uma informação relevante, uma satisfação social ou notícia importante para a população de quem já não está mais presente entre os vivos. Semmler e Daros (2018) tecem algumas considerações interessantes sobre o obituário:

Foi possível observar que o obituário se estabelece no jornalismo interpretativo, o que pressupõe a análise e a interpretação dos dados levantados para serem inseridos no texto, trazendo uma cenografia do Literário no que tange à escrita mais leve com economia de informações excessivamente biográficas ou noticiosas, o que o diferencia da notícia e das notas fúnebres. Além disso, há uma grande confusão que relaciona o obituário ao perfil, à minibiografia ou ao resumo biográfico, fator que pode comprometer a compreensão do obituário como gênero discursivo autônomo (SEMMLER; DAROS, 2018, p. 3009).

Aqui, todavia, o que nos interessa é o viés étnico que não passa despercebido na coluna, tanto pelo sobrenome indicativo da ascendência árabe, quanto pela menção explícita da origem do falecido. Cobrimos algumas dessas publicações entre os anos de 2003 e 2016,²⁶ estando a maioria dessas fontes disponível na Internet.

O jornal Pioneiro, de Caxias do Sul, traz uma matéria sobre a trajetória do imigrante libanês Kalil Sehbe, de Caxias do Sul. A reportagem destaca a importância de Sehbe para a industrialização de Caxias do Sul, "o imigrante que desafiou limitações e guiou-se por um determinismo implacável", fundando em 1927 "uma promissora fábrica de confecções que resultaria na poderosa Organizações Alfred" (RIGON, 2017, p. 2) A matéria menciona ainda a entrada posterior do grupo empresarial de Kalil Sehbe no ramo hoteleiro. Rigon (2017) resume assim o legado que a organização criada por Sehbe deixou:

As Organizações Alfred, reconhecida pelos produtos de qualidade, marcou época num Brasil inclinado pelo desenvolvimento exportador. O parque fabril da Organização Alfred tinha como ferramenta principal a máquina de costura. A expansão dos negócios se deve ao zelo com seus colaboradores. Trabalhar na Kalil era como viver num segundo lar. Na evolução do tempo, as unidades fabris aumentavam. [...] Na década de 1970, uma filial produtiva foi inaugurada na Bahia, demonstrando a competência da indústria caxiense (RIGON, 2017, p. 2).

O declínio dessa grande empresa de base familiar, no fim da década de 1970, esteve ligado às mudanças na economia do país e, quem sabe,

²⁶ Os nomes aqui expostos não esgotam, nem de longe, os casos ocorridos tampouco todas as fontes jornalísticas possíveis, mas foram os casos que a pesquisa encontrou em um determinado recorte temporal.

ao esgotamento do modelo empresarial familiar, que não se dinamizou, após a doença e a morte de seu fundador.

Outro nome que aparece nas páginas de jornal é da Serra Gaúcha. Seu nome é Nagib Stella Elias. De acordo com o obituário, ele faleceu em 29 de junho de 2016, aos 87 anos. Consta que este filho de imigrante sírio-libanês (a mãe era, provavelmente, de origem italiana) destacou-se como radialista em Nova Prata, tendo sido, também, vereador e prefeito da cidade. Foi o primeiro presidente da Federação das Associações de Municípios do Estado do Rio Grande do Sul (FAMURS), instituição de muito prestígio no estado (NAGIB..., 2016, p. 24).

De São Francisco de Paula, encontramos no obituário do Zero Hora de 1º de agosto de 2016, o nome de José Asmuz, filho de imigrantes sírios e nascido naquela cidade, em 1927. A nota fúnebre informa que ele foi piloto de automobilismo e dirigente esportivo, tendo presidido o Sport Club Internacional em duas oportunidades: entre 1980 e 1981 e entre 1990 e 1993. Empréstou seu nome para batizar uma parte do Jardim Dona Leopoldina, bairro de Porto Alegre.

Da Região da Campanha encontramos o nome do frei Antônio do Carmo Cheuiche, nascido em Caçapava do Sul no dia 13 de junho de 1927 e falecido em Ivoti no dia 14 de outubro de 2009. Frei Cheuiche foi bispo auxiliar de Santa Maria (1969-1971) e de Porto Alegre (1971-2001)²⁷ (ANTÔNIO..., 2009, p. 23).

De Quaraí, na fronteira oeste, vem o nome de Jorge Japur, localizado na parte de obituários do site da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), e no jornal *Zero Hora*. De acordo com a sua biógrafa, Sonia Chegurem ([1991]), ele nasceu em Quaraí em 1926 e foi um rádio difusor, radialista, cinéfilo brasileiro. Fundador da Rádio Quaraí AM, foi um dos pioneiros da radiodifusão na fronteira oeste do Rio Grande do Sul e no norte do Uruguai. Foi também um dos sócios-fundadores da Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão

(AGERT) (JORGE, 2003, p. 24).

No Sul do estado, encontramos no obituário de jornal o nome de Fuad Abdalla Nader. Diz a nota que ele era natural de Rio Grande, e que faleceu aos 88 anos, em 22 de maio de 2013. Nader é referido como um empreendedor, "dedicado ao desenvolvimento do município e à difusão da cultura libanesa". Formado em economia, "investiu nos setores de ferragem, conservas alimentícias, leite e adubos". Foi ainda "presidente do Conselho Municipal de Educação, do Clube dos Diretores Lojistas e da Câmara do Comércio de Rio Grande" (FUAD..., 2013, p. 8). A nota informa ainda que ele atuou também na área educacional, tendo lecionado na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), na Escola de Engenharia Industrial e na Escola Técnica de Comércio São Francisco.

Da Região do Litoral Lagunar, encontramos o nome de Antônio Sessim Gil, cuja trajetória é assim descrita. "Descendente de imigrantes sírios, falecido com 87 anos, nasceu em Osório (Litoral) e, após se casar com Terezinha Polidori, mudou-se para uma propriedade na beira da Lagoa dos Patos, em Mostardas [...]". E ainda informa que em "Capivari do Sul, Sessim Gil fundou a Cooperativa Rizícola de Pitangueiras. Grande parte da sua trajetória foi dedicada ao plantio de arroz e à criação de gado" (JOSÉ..., 2016, p. 27).

De Porto Alegre, no obituário do *Zero Hora*, localizamos o nome de Elias Dabdab, que morreu aos 79 anos. O necrológio a ele dedicado diz o seguinte:

Porto Alegre perdeu, na sexta-feira [19 de fevereiro de 2016], uma das grandes referências em alfaiataria da cidade. Elias era filho dos imigrantes sírios Raphael Kalil Dabdab e Rosa Borges Dabdab e dedicou sua carreira ao negócio da família. Elias assumiu a loja, que continua funcionando em uma esquina central e movimentada da capital (JOSÉ, 2016, p. 26).

De acordo com o jornal, o prédio da alfaiataria é o primeiro e mais elegante da rua Voluntários da Pátria, esquina com a rua Marechal Floriano, no centro da capital.

²⁷ Não é incomum encontrar membros da segunda geração das etnias com hierarquias avançadas na Igreja católica romana, nas forças armadas, no judiciário, legislativo e executivo, assim como destacados membros dos círculos intelectuais e artísticos, nos altos escalões do funcionalismo público ou na iniciativa privada com grandes empreendimentos nos segmentos de serviços, indústria e comércio.

Considerações finais

Sem escapar de nosso juízo crítico, a fonte jornalística também é capaz de proporcionar ao pesquisador uma luz inestimável para desvelar e confirmar fatos do passado, ações de pessoas e instituições e detalhes da história perdidos no fluxo do tempo. Aqui, as matérias jornalísticas nos levaram aos arquivos para nos aprofundar nas informações veiculadas pelos jornais, e ter uma visão mais isenta, filtrada por outras narrativas, ou mais detalhada dos fatos narrados pelas reportagens.

Com o escrutínio de historiadores, a mídia pode assumir uma posição de agente social ativo, marcando e confirmando temas socialmente relevantes e, assim, formando e estabelecendo fronteiras na construção da memória coletiva e da identidade dos sujeitos para a compreensão mais ampla da história e do mundo contemporâneos.

No artigo, buscamos estabelecer uma conexão entre as diversas fontes, recuperando algumas histórias do passado, sendo as páginas dos jornais da época e as fontes arquivísticas instrumento fundamental para confirmar fatos, derrubar paradigmas e esclarecer dúvidas em relação a fatos originais que foram embaralhados pelo tempo. Esses imigrantes, não europeus e portadores de uma cultura diferente da dominante no Brasil, enfrentaram grandes dificuldades. Foram tratados pela mídia como um grupo apátrida, em algumas ocasiões quase selvagem, vivendo em guetos étnicos, mas que, com o passar do tempo, graças à atividade comercial que abraçaram, a despeito de alguns fracassos, puderam, alguns ainda na primeira geração, tornar-se cidadãos de prestígio social elevado, como demonstram as biografias de alguns imigrantes e seus descendentes veiculadas na mídia gaúcha.

Referências

- A INDEPENDÊNCIA da Syria. *Correio do Povo*, Porto Alegre, RS, p. 7, 12 de set. 1917.
- APERS. (Arquivo Público do Rio Grande do Sul) *Processo de cobrança*. Jorge Monair X Simão João Curi. Porto Alegre, 1 jan. 1902.
- APERS. (Arquivo Público do Rio Grande do Sul) *Processo judicial n. 6*. Miguel Curi. Porto Alegre, 1 jan. 1903.
- APERS. (Arquivo Público do Rio Grande do Sul) *Processo judicial. Inventário n. 842*. Inventariante: Jorge H. Naamann. Inventariada: Luiza Voges. Porto Alegre, 1 jan. 1916.
- APERS. (Arquivo Público do Rio Grande do Sul) *Processo judicial. Inventário n. 94*. Inventário de Georges H. Naamann. Inventariante: Albertina Naaman. Porto Alegre, 1 jan. 1945.
- ANTÔNIO do Carmo Cheuiche. *Journal do Comércio*, Porto Alegre, RS, 15 out. 2009. Obituário, p. 8.
- ANTÔNIO Sessim Gil. *Zero Hora*. Porto Alegre, RS, 31 maio 2016. Obituário, p. 32.
- A SOCIEDADE Libanesa Fundada Nesta Cidade. *O Rebate*, Pelotas, RS, p. 2, 12 out. 1917.
- ASSASSINATO de um mascate árabe no distrito de Taim. *A Federação*, Porto Alegre, RS, p. 5, 11 jan. 1890.
- ASSASSINADA a mascate árabe Suzana. *A Federação*, Porto Alegre, RS, p. 6, 5 ago. 1904.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: STREIFF-FENART, Jocelyne; POUTIGNAT, Philippe. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1998. p. 56-76.
- BELLINTANI, Adriana. A disputa franco-germânica por influência no Brasil (1920-1930). *Examãpaku*, Boa Vista, v. 5, n. 1, p. 1-11, 2012. Disponível em: <https://revista.ufrb.br/examapaku/article/view/1227>. Acesso em: 6 jun. 2021.
- BIOGRAFIA de Naaman. *VS Jornal*, São Leopoldo, RS, 5 maio 2013. As Ruas de São Leopoldo, p. 3.
- CHEGARAM aqui os Srs. Cezar Lakah E Marbam Bey. *Correio do Povo*, Porto Alegre, RS, p. 3, 17 set. 1917.
- CHEGUEM, Sonia. *Quarai histórico "I"*. Quarai: [s. n.], 1991.
- ELIAS Dabdab. *Zero Hora*, Porto Alegre, RS, 20 fev. 2016. Obituário, p. 22.
- FERSAN, Eliane. *Les immigrés syro-libanais au Brésil de 1920 a 1926: perception du corps consulaire français*. Beirut: Notre Dame University, 2005.
- FUAD Abdalla Nader *Jornal de Santa Catarina*, Florianópolis, SC, 17 jun. 2013. Obituário, p. 21.
- FRANCISCO, Julio Bittencourt. *Dos Cedros aos Pampas: memória da imigração. Sírios e libaneses no Sul do Brasil*. Curitiba: Brazil Publishing, 2020.
- FRANCISCO, Julio Bittencourt. Festas, danças, família e lembranças: sírios e libaneses em Porto Alegre. In: RAMOS, Eloisa Helena; ARENT, Isabel Cristina; WITT, Marco Antônio (org.) *Festas, comemorações e lembranças na imigração*. São Leopoldo: Oikos, 2014. p. 765-789.

- FRANCISCO, Julio Bittencourt. *Sírios e libaneses no Rio de Janeiro: trajetórias coletivas e escolhas individuais*. 2005. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (UNIRIO), 2005.
- GRANDE Conflicto. *Correio do Povo*, Porto Alegre, RS, p. 7, ed. matinal, 13 jan. 1898.
- HAJJAR, Claude. *Imigração árabe: 100 anos de reflexão*. São Paulo: Ícone, 1985.
- HEINZ, Flávio M. *História social de elites*. 6. ed. São Leopoldo: Oikos, 2011.
- HERRLEIN JR., Ronaldo A transição capitalista no Rio Grande do Sul. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 13, n. 1, p. 175-207, jun./jul. 2004.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Anuário estatístico do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1996. v. 56.
- JORGE Japur. *Zero Hora*, Porto Alegre, RS, 10 jun. 2003. Obituário, p. 24.
- JOSÉ Asmuz. *Zero Hora*, Porto Alegre, RS, 1º ago. 2016. Obituário, p. 25.
- KNOWLTON, Clarck. *Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial*. São Paulo: Anhembi, 1961.
- LACAZ, Carlos da Silva. *Médicos sírios e libaneses do passado: trajetória em busca de uma nova pátria*. São Paulo: Almed, 1982.
- LAMARÃO, Sérgio T. Niemayer. A dimensão nacional do processo migratório dos sírios e libaneses no Brasil: os patricios no Nordeste. In: JARDIM, Denise Fagundes; OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. (org.). *Os árabes e suas Américas*. Corumbá: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2007. p. 234-251.
- LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade*. São Paulo: Edusp, 2001.
- MARTINI, Cyro. *A cidade risonha de Aquiles Porto Alegre: Porto Alegre Séc. XIX*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2013.
- MOCCELIN, Mia Clara. *Trajetoórias em rede: representações da italianidade entre empresários e intelectuais na região de Caxias do Sul*. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- NAGIB Stella Elias. *Zero Hora*, Porto Alegre, RS, 1º jul. 2016. Obituário, p. 26.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, SP, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- ODDONE, Juan. *La formación del Uruguay moderno*. EUDEBA. Buenos Aires, 1966.
- ORNELLAS, Manoelito de. *Gaúchos e beduínos: origens étnicas e a formação social do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.
- PIMENTEL, Valdevez Cavalcante. *A aculturação do imigrante sírio no Piauí*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1986.
- PITTS JR., Montie Bryan. *Forging ethnic identity through faith: religion and the Syrian-Lebanese community in São Paulo*. 2006. Thesis (Graduate in Latin American Studies) – Faculty of the Graduate School, Vanderbilt University, Nashville, 2006.
- QUEBRA-QUEBRA em Buenos Aires. *A Federação*, Porto Alegre, RS, p. 4, ed. 230-1, 29 set. 1914. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 2 dez. 2020.
- QUINHENTOS indivíduos de nacionalidade árabe. *A Federação*, Porto Alegre, RS, p. 3, 29 set. 1914.
- ROSA, Carla Rosane Silveira da. *Primeiros imigrantes sírios e libaneses na cidade de Pelotas: final do século XIX e início do século XX*. 2005. Monografia (Especialização em História do Brasil) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2005.
- RIGON, Roni. Kalil Sehbe: Ícone da elegância em vestir, transformou a indústria têxtil em Caxias do Sul. *O Pioneiro*, Caxias do Sul, RS, 21 abr. 2017. Disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-tendencias/noticia/2017/04/icone-da-elegancia-em-vestir-kalil-sehbe-transformou-a-industria-textil-em-caxias-9776547.html>. Acesso em: 12 dez. 2021.
- SAINT-HILARE, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Editor, 1987.
- SEMMLER, Jonathan; DAROS, Cristina A construção discursiva do obituário brasileiro no jornal Folha de São Paulo. *Fórum linguístico*, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 3001-3016, abr./jul. 2018.
- TRUZZI, Osvaldo. *Patricios: Sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- TRUZZI, Osvaldo. Sírios e libaneses e seus descendentes na sociedade paulista. In: FAUSTO, Bóris. *Fazer a América: a imigração em massa para América Latina*. São Paulo: Edusp, 1999. p. 215-241.
- VINHOSA, Francisco Luiz Teixeira. *O Brasil e a Primeira Guerra Mundial: A Diplomacia Brasileira e as Grandes Potências*. Rio de Janeiro: BIBLIX, 2015. 286 p.
- ZAMBERLAM, Jurandir et al. *Desafios das migrações: buscando caminhos*. Porto Alegre: CIBAI Migrações, 2009.

Julio Bittencourt Francisco

Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil; mestre em Memória Social e Documento pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil; especialista em História do Direito no Brasil pela Universidade Estácio de Sá (UNESA), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Docente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em Porto Alegre, RS, Brasil.

Endereço para correspondência

Julio Bittencourt Francisco
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
FABICO – Campus Saúde
Rua Ramiro Barcelos, 2705
90035-007
Porto Alegre, RS, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá
Comunicação e submetidos para validação do autor
antes da publicação*